



Brasil no imaginário da literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII

Marta Catunda

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho.
A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII, XVIII: antologia de textos 1591 – 1808. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012. 614 p.



Trata-se de um ensaio prodigioso, que implicou em uma pesquisa de vulto. O autor iniciou o levantamento em 1993, com a compilação e tradução, de uma longa série de narrativas de viagem deixadas por estrangeiros que passaram pelo Rio de Janeiro, entre 1516 e 1808.

Inicialmente, França pretendia apenas tornar acessíveis documentos que considerava indispensáveis, para compreender o cotidiano das cidades do Brasil colonial. Mas, à medida que foi reunindo esses documentos, percebeu estar diante de um *corpus* discursivo que poderia esclarecer o próprio processo de construção do Brasil, pelo vocabulário europeu dos séculos XVI, XVII, XVIII. O que definiu “como uma espécie de invenção do Brasil” dada pela visão do europeu.

Na primeira etapa da pesquisa, o autor reuniu 120 narrativas e não se preocupou em fazer alusões aos fatos da época para contextualizar sua pesquisa. Usou como critério especialmente textos redigidos e publicados pelo menos 10 anos depois de escritos, no referido período, em língua estrangeira na Europa. O autor focalizou especialmente as “imagens” que se construía do Brasil e de seu povo e que circulava nas páginas dos livros de viagem.

Como um colecionador, fez exaustivas descrições dos documentos, mas preocupado em “[...] deixar cada época falar por si [...]” a expressão do século a que pertencia. Ao não se fixar também em grandes fatos do contexto histórico, tais como a Revolução Francesa, ou as mudanças políticas econômicas da Inglaterra, nem tampouco em dar atenção ao iluminismo enfim, aos grandes marcos históricos dos séculos XVI, XVII e XVIII, acabou por conferir maior destaque ao modo de narrar o Brasil dos próprios visitantes coloniais.

Dedicou-se a mostrar porque um determinado Brasil ainda muito presente, com suas próprias palavras “[...] muito presente no senso comum do brasileiro e do europeu [...]” (p. 15). A intenção foi focalizar como a cultura ocidental nos construiu e como construímo-nos a nós próprios ao longo da história.

Para França, as narrativas de viagem para a construção entre os europeus da ideia do Novo Mundo, de América, dependeram em grande parte da lenta, porém consistente ampliação e propagação dos escritos acerca do Novo Mundo na Europa Ocidental nos séculos pesquisados. Para tanto, considerou importante identificar os homens que descreveram o Brasil e o conseqüente acolhimento que tiveram seus escritos na sociedade da época.

Tentou se fixar, portanto, na importância sociocultural da literatura de viagem e o lugar da isolada colônia portuguesa. Assim, dedicou um capítulo inteiro a descrever as imagens do Brasil (cartas, diários, relações) e dos brasileiros (colonos brancos, índios, negros e mestiços) criada pelos visitantes estrangeiros.

Algumas passagens evidenciam esse caráter revelador. A terra era dadivosa, onde se plantando tudo dá, mas “[...] aos olhos dos visitantes europeus os colonos eram: preguiçosos, ignorantes, carolas, ciumentos, desonestos e, sobretudo, excessivamente vaidosos e libidinosos [...]” (p. 284).

Para França, essas narrativas eram pouco cuidadosas, produzidas por observações apressadas, e criaram um vocabulário sobre o Brasil que apresentou poucas variações ao longo dos três séculos. Isso porque esse discurso pouco original agradava o público dito culto. Estas “[...] xenonarrativas entre a natureza exuberante e pródiga dos trópicos e a baixa qualidade dos seus habitantes marcaram profunda e resistentemente a imagem que os brasileiros, a partir das primeiras décadas do século XIX e passaram a construir a si próprios e do seu país [...]” (p. 286). Dentre alguns nomes destacam-se Afonso de Escragnole Taunay, Vieira Fazenda, Borba Morais, Gilberto Ferrez, Claudio Ganns e Alfredo de Carvalho entre outros. De certo modo, esses viajantes colaboram na construção de imagens que permanecem até hoje. Estão impregnadas na cultura e na forma de nos vermos a nós mesmos. Indica também a força narrativa de autores como Oswald de Andrade, que tentou mostrar o lado avesso ou a deglutição do negativo, ou mesmo o exotismo ingênuo de Jorge Amado, e ou dos estudos de Gilberto Freire, onde aparece uma sociedade singular, não foi suficiente para abalar séculos de edificação das xenonarrativas.

Essas imagens repetitivas que aparecem em incontáveis narrativas para o autor eram o que de fato auferia ares de verdade sobre o Brasil, filtradas por uma espécie de senso comum do europeu.

Na segunda parte do livro, aparece nas Antologias de textos preciosa descrição de algumas cidades brasileiras litorâneas entre outros locais percorridos por barcos, tais como Vila de São Vicente, Santos, São Sebastião (Ilha Bela) em São Paulo; em Recife e Olinda no Pernambuco, Baía de Todos os Santos, Salvador na Bahia, Porto de Vitória, no Espírito Santo; Rio Orinoco e Amazonas, Rio de Janeiro, Baía de Guanabara, Angra dos Reis e Parati, litoral de Santa Catarina, Porto Alegre no Rio Grande do Sul, deixadas por viajantes estrangeiros que as visitaram, durante o período colonial. Para tanto, o autor apresenta cada uma das narrativas com uma pequena introdução – contendo uma nota sobre a viagem e sobre o viajante quando foi possível encontrar algo sobre ele – seguida de um comentário acerca da edição escolhida e de uma pequena bibliografia.

Marta Catunda - Universidade de Sorocaba – Uniso. Sorocaba | SP |
Brasil. Contato: martacatunda@gmail.com